

EQUILIBRAÇÃO DE VALORAÇÕES E FUNÇÃO REGULATÓRIA DO PRECONCEITO DE CLASSE SOCIAL: UM MODELO A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA

Carlos Eduardo de Souza Gonçalves^{id1}, Francismara Neves de Oliveira^{id2}

Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar um processo de equilibração entre valorações de ações (modos de ser, ter e fazer) e de pessoas compreendidas por classes sociais, com base na Epistemologia Genética de Jean Piaget. A investigação se fundamenta em dados oriundos de entrevistas realizadas com 22 estudantes de ensino médio técnico na fase de pré-teste de uma pesquisa com delineamento quase-experimental. As respostas permitiram a construção de escalas de valores referentes às classes sociais mais altas e mais baixas. A partir da análise das frequências de atribuição de valores positivos e negativos a essas ações e pessoas, identificou-se um padrão de compensação organizado em sistema de relações: maior valorização das ações das classes sociais mais altas associada à menor valorização das pessoas dessas classes, bem como menor valorização das ações das classes sociais mais baixas associada à maior valorização das pessoas que as compõem. Esse padrão foi sintetizado em um modelo representado por um ciclo de equilibração compensatória, compreendido como forma de regulação de um sistema de valorações. Discute-se que tal dinâmica indica uma função regulatória do preconceito de classe social, operando por meio de critérios arbitrários de superioridade e inferioridade construídos pelos sujeitos.

Palavras-chave: Preconceito; Classe social; Equilibração; Epistemologia Genética; Valores.

EQUILIBRATION OF VALUATIONS AND THE REGULATORY FUNCTION OF SOCIAL CLASS PREJUDICE: A MODEL BASED ON GENETIC EPISTEMOLOGY

Abstract

This study aimed to analyze a process of equilibration between valuations of actions (ways of being, having, and doing) and of persons understood in terms of social classes, based on Jean Piaget's Genetic Epistemology. The investigation is grounded in data obtained from interviews conducted with 22 technical high school students during the pre-test phase of a quasi-experimental research

¹Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Londrina. Docente na Educação Superior. Residência: Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: carlos.eduardo@uel.br

²Pós-doutorado em Psicologia da Educação, Universidade Estadual de Londrina. Docente na Educação Superior. Residência: Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: francismara@uel.br



design. The responses enabled the construction of value scales referring to higher and lower social classes. Based on the analysis of the frequencies of positive and negative value attributions to these actions and persons, a pattern of compensation organized as a system of relations was identified: greater valuation of the actions of higher social classes associated with lower valuation of the persons belonging to these classes, as well as lower valuation of the actions of lower social classes associated with higher valuation of the persons who compose these classes. This pattern was synthesized into a model represented by a cycle of compensatory equilibration, understood as a form of regulation of a system of valuations. It is argued that such dynamics indicate a regulatory function of social class prejudice, operating through arbitrary criteria of superiority and inferiority constructed by the subjects.

Keywords: Prejudice; Social class; Equilibration; Genetic Epistemology; Values.

EQUILIBRACIÓN DE VALORACIONES Y FUNCIÓN REGULADORA DEL PREJUICIO DE CLASE SOCIAL: UN MODELO A PARTIR DE LA EPISTEMOLOGÍA GENÉTICA

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar un proceso de equilibración entre valoraciones de acciones (modos de ser, tener y hacer) y de personas comprendidas en términos de clases sociales, con base en la Epistemología Genética de Jean Piaget. La investigación se fundamenta en datos provenientes de entrevistas realizadas con 22 estudiantes de educación media técnica en la fase de pretest de una investigación con diseño cuasi-experimental. Las respuestas permitieron la construcción de escalas de valores referidas a las clases sociales más altas y más bajas. A partir del análisis de las frecuencias de atribución de valores positivos y negativos a dichas acciones y personas, se identificó un patrón de compensación organizado como sistema de relaciones: mayor valoración de las acciones de las clases sociales más altas asociada a menor valoración de las personas de esas clases, así como menor valoración de las acciones de las clases sociales más bajas asociada a mayor valoración de las personas que las componen. Este patrón fue sintetizado en un modelo representado por un ciclo de equilibración compensatoria, comprendido como forma de regulación de un sistema de valoraciones. Se discute que tal dinámica indica una función reguladora del prejuicio de clase social, operando por medio de criterios arbitrarios de superioridad e inferioridad contruidos por los sujetos.

Palabras clave: Prejuicio; Clase social; Equilibración; Epistemología Genética; Valores.

1. Introdução

O preconceito constitui fenômeno social amplamente difundido, manifestando-se por meio de sistemas de crenças, tradições e significações que orientam relações intergrupais (Allport, 1979; Duckitt, 2019). Ao se considerar a história das ciências sociais e psicológicas, observa-se que esse fenômeno passou a ser progressivamente reconhecido como problema social relevante, dada sua difusão e naturalização.

No campo da Psicologia Social, sua compreensão tem exigido abordagens integrativas que articulem dimensões cognitivas, afetivas, sociais e morais, uma vez que a análise isolada dessas dimensões tem se mostrado insuficiente para explicar sua complexidade (Duckitt, 2010).

Nesse contexto, destaca-se a necessidade de investigações que permitam compreender os mecanismos estruturais subjacentes às significações preconceituosas. A Epistemologia Genética de Jean Piaget oferece contribuições relevantes nesse sentido, ao propor que os conhecimentos, inclusive os de natureza social, são construídos por processos de equilíbrio (Piaget, 1973; Montoya, 2013).

Estudos orientados pela perspectiva construtivista têm contribuído para a compreensão do desenvolvimento de significações sociais e atitudes intergrupais. Entre eles, destacam-se as investigações de Piaget e Weil (1951) sobre a construção da noção de pátria e das relações entre grupos nacionais, bem como os trabalhos de Aboud (2008) acerca do desenvolvimento do preconceito racial na infância. Essas pesquisas evidenciam que os julgamentos dirigidos a grupos sociais não constituem conteúdos simplesmente transmitidos pelo meio, mas resultam de processos de construção que envolvem reorganizações cognitivas progressivas.

Com o objetivo de situar a presente investigação no campo de estudos sobre preconceito e Epistemologia Genética, realizou-se levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da CAPES, bem como nas bases PePSIC e APA PsycNet, utilizando-se as combinações dos descritores "Piaget" AND "prejudice" e "Piaget" AND "preconceito", sem delimitação temporal. A análise dos trabalhos localizados revelou a predominância de pesquisas voltadas ao racismo e às relações intergrupais na infância e adolescência, frequentemente fundamentadas nas contribuições de Piaget, Kohlberg e Aboud. Contudo, não foram identificados, no levantamento realizado, estudos que examinassem, de forma integrada, mecanismos de construção ou estruturação do preconceito articulando simultaneamente dimensões cognitivas, afetivas, sociais e morais sob o referencial da Epistemologia Genética.

Apesar dos avanços nas abordagens psicológicas e sociais do preconceito (Duckitt, 2019), permanecem pouco exploradas as relações entre as valorações atribuídas a grupos sociais e aquelas dirigidas às pessoas que os representam. Em particular, permanece pouco explorada a compreensão de como tais valorações se articulam em sistemas, e não apenas como juízos isolados.

Diante desse quadro, o presente estudo se insere na busca por compreender não apenas conteúdos de preconceito, mas as formas de organização das significações que os sustentam, deslocando a análise para o nível estrutural.

Este trabalho deriva de investigação mais ampla desenvolvida em nível de doutorado, da qual se recorta o presente conjunto de análises. Nesse sentido, a análise desloca-se para o nível estrutural das significações, tomando como referência os processos de equilibração descritos por Piaget. O presente estudo tem por objetivo analisar um padrão de organização de valorações sociais, identificado a partir de dados produzidos por estudantes de ensino médio técnico. Tal padrão se revelou caracterizado por relações compensatórias entre classes sociais mais altas e mais baixas, discutindo a possibilidade de uma função regulatória do preconceito no interior de sistemas de valores.

2. Referencial teórico

A Epistemologia Genética, conforme formulada por Piaget (1973), não admite a separação ou hierarquização entre dimensões físicas, mentais e sociais da natureza humana, uma vez que essas dimensões se constituem por relações de interdependência. Nessa perspectiva, os organismos não são explicados exclusivamente por fatores hereditários nem apenas por processos de desenvolvimento, mas pela articulação entre ambos, enquanto as condutas humanas implicam simultaneamente aspectos cognitivos e sociais. Desse modo, a psicologia genética não se restringe a uma abordagem estritamente psicológica, mas incorpora, de modo indissociável, a dimensão sociológica da explicação do comportamento humano. Todo problema que pede por explicação psicológica se dá sobre explicações sociológicas, sendo que sua única diferença é que:

[...] o "eu" é substituído pelo "nós" e que as ações e "operações" se tornam, uma vez completadas pela adjunção da dimensão coletiva, interações, quer dizer, condutas se modificando umas às outras (segundo todas as escalas intercaladas entre a luta e a sinergia) ou formas de "cooperação", quer dizer, operações efetuadas em comum ou em correspondência recíproca. (Piaget, 1973, p. 22)

A compreensão da construção do pensamento preconceituoso neste estudo fundamenta-se na Epistemologia Genética, em especial nas proposições de Piaget acerca dos processos de construção do conhecimento e das regulações que organizam as relações interindividuais. Parte-se do pressuposto de que os valores se constituem nas trocas sociais, nas quais ações e reações implicam valorizações e desvalorizações recíprocas (Piaget, 1973).

As ações, compreendidas como modos de ser, ter e fazer, organizam-se em escalas de valores que correspondem à seriação das satisfações obtidas ou esperadas, sendo compartilhadas por coletividades de indivíduos que compartilham valores segundo critérios comuns. Nessas condições, valores atribuídos a ações podem ser associados aos indivíduos ou às classes sociais, sustentando generalizações características de sistemas de significação que podem ser preconceituosos quando são depreciativos.

Entretanto, a teoria piagetiana permite distinguir entre a valoração de ações e o respeito às pessoas (Piaget, 1973). O respeito corresponde à valorização positiva da pessoa, sendo possível atribuir valor a uma ação sem que isso implique atribuir o mesmo valor ao indivíduo que a realiza. Tal distinção indica que as valorações podem incidir em níveis distintos, ações e pessoas, podendo se articular de forma independente ou interdependente.

A ausência dessa diferenciação pode caracterizar formas de organização em que juízos depreciativos sobre ações são generalizados para as pessoas ou classes sociais, configurando desrespeito. Nesses casos, a não dissociação entre ação e sujeito sustenta formas estruturais de preconceito.

A constituição e conservação desses sistemas implicam também a dimensão afetiva das condutas. O valor corresponde ao caráter afetivo atribuído ao objeto em função das necessidades do sujeito, sendo o interesse o que orienta a assimilação e regula a intensidade das ações. A necessidade expressa um desequilíbrio cuja satisfação corresponde ao restabelecimento do equilíbrio, de modo que toda conduta pode ser compreendida como adaptação. (Piaget, 2014).

A afetividade, embora não produza estruturas, intervém continuamente em seu funcionamento, podendo favorecer ou dificultar processos de construção. Assim, os sistemas de valores se conservam na medida em que atendem a interesses vinculados a necessidades, organizando-se como sistemas relativamente estáveis (Piaget, 2014). Nesse processo, a autovalorização assume papel relevante, uma vez que o sujeito passa a atribuir valor a si mesmo em função das relações interindividuais, podendo desenvolver sentimentos de superioridade ou inferioridade que se articulam às valorações sociais.

A equilibração, nesse contexto, consiste na reorganização de sistemas diante de perturbações, por meio de regulações compensatórias. As regulações negativas corrigem desvios, enquanto as positivas introduzem transformações, sendo a equilibração a coordenação dessas regulações (Piaget, 1973).

Desse modo, propõe-se, neste estudo, um modelo de equilibração compensatória das valorações de atributos das classes sociais e das pessoas que as representam, no qual diferentes critérios se articulam para manter certa coerência interna. Essa organização permite compreender o preconceito não apenas como conteúdo, mas como elemento que participa da regulação de sistemas de valores.

3. Metodologia

Trata-se de pesquisa de abordagem quali-quantitativa, com delineamento quase-experimental, desenvolvida com estudantes de ensino médio técnico de um campus do Instituto Federal do Paraná. O presente estudo deriva de investigação mais ampla realizada em nível de doutorado, da qual se recorta o conjunto de análises aqui apresentado, mantendo-se fundamentos teórico-metodológicos originais.

Da pesquisa integral, participaram 24 estudantes, com idades entre 17 e 60 anos, regularmente matriculados no ensino médio técnico. Após definição da amostra, os participantes foram distribuídos em dois grupos: Grupo Experimental (GE), dos sujeitos denominados PE (Participantes do Experimental) e Grupo Controle (GC), dos sujeitos PC (Participantes do Controle). Os grupos foram constituídos de modo a possibilitar a comparação entre efeitos de intervenção e de sua ausência (etapas de intervenção e pós-teste na pesquisa completa). Os dados que fundamentam as análises apresentadas neste trabalho foram obtidos apenas na etapa de pré-teste, a partir de entrevistas com 22 sujeitos.

A caracterização dos participantes incluiu levantamento de dados sociodemográficos, contemplando classe social autodeclarada, identificação com classes sociais de seus círculos sociais, gênero e cor autodeclarada. Observou-se diversidade na autodeclaração de pertencimento às classes sociais, com predominância de identificação com classes médias e baixas, bem como variações quanto a gênero e cor autodeclarada.

A pesquisa atendeu aos procedimentos éticos exigidos para investigações com seres humanos, incluindo a apresentação dos objetivos do estudo aos participantes e a obtenção de consentimento livre e esclarecido. Os dados foram tratados de modo a preservar o anonimato dos sujeitos, sendo utilizados exclusivamente para fins científicos.

A coleta de dados foi realizada em três etapas, caracterizadas como pré-teste, intervenção e pós-teste, por meio de entrevistas orientadas pelo método clínico-crítico piagetiano (Delval, 2002). O presente trabalho apresenta resultado parcial da pesquisa, obtido a partir da análise de dados coletados na etapa de pré-teste, em que buscou-se identificar as significações dos participantes acerca das classes sociais, incluindo os critérios utilizados para sua definição, as características atribuídas a cada classe e as valorações associadas a tais características e às pessoas que as representariam.

As entrevistas foram conduzidas com base no método clínico-crítico piagetiano, que se caracteriza pela investigação do pensamento do sujeito por meio de diálogo orientado, no qual se busca compreender não apenas as respostas apresentadas, mas os processos de construção dessas respostas, incluindo suas justificativas, contradições e possíveis reorganizações.

As questões orientadoras contemplaram a definição de classes sociais, a identificação de características associadas a essas classes e a atribuição de valor

a tais características e às pessoas que as representariam, incluindo questões como: “Quais classes sociais existem e quais as suas características?”; “Em qual ordem você organizaria o conjunto das características de todas as classes sociais que listou, da que você mais valoriza até aquela que você menos valoriza?”; “Agora pensando em pessoas de todas as classes sociais que apresentam tais características (modos de ser, ter e fazer), como você organizaria essas pessoas, daquela pessoa que você mais valoriza até aquela que você menos valoriza?”.

A construção das escalas de valores EV1 e EV2 baseou-se na organização das respostas dos participantes em duas unidades analíticas distintas, porém articuladas. A escala EV1 foi composta a partir da ordenação valorativa das características atribuídas às classes sociais, consideradas como modos de ser, ter e fazer, independentemente de sua vinculação direta a grupos específicos. Já a escala EV2 foi construída a partir da valoração de pessoas definidas pela combinação entre classe social e características atribuídas, considerando-se, portanto, as relações entre ações e sujeitos que as realizam. As categorias de classes sociais foram construídas a partir das definições apresentadas pelos próprios participantes.

Para a análise, procedeu-se à identificação da valência atribuída a cada elemento (positiva ou negativa), seguida da quantificação das frequências dessas atribuições em relação às classes sociais mais altas e mais baixas, tanto no plano das ações quanto das pessoas. Tal procedimento possibilitou a análise das relações de interdependência entre critérios de valoração, permitindo identificar padrões de organização que não se expressam em juízos isolados, mas em sistemas de relações.

4. Resultados e discussões

Os resultados sugerem que as valorações atribuídas às ações e às pessoas das classes sociais se organizam em um sistema de regulações compensatórias. As frequências observadas indicam relações de interdependência entre os critérios adotados pelos participantes, evidenciando que a atribuição de valor ocorre por articulação entre diferentes dimensões.

Para analisar a relação entre a valoração das ações (EV1) e das pessoas (EV2) compreendidas pelas classes sociais, as escalas foram divididas em duas metades, correspondentes à maior e à menor valorização. Nos casos em que o número total de características e pessoas escalonadas era ímpar, a posição central foi desconsiderada, de modo a manter equivalência entre as metades. Em seguida, contabilizou-se a frequência de ocorrência das características e das pessoas ligadas às classes sociais mais altas e mais baixas em cada metade das escalas, também desconsiderando classes intermediárias quando presentes. Para garantir consistência na comparação, foram incluídos apenas os participantes que construíram ambas as escalas, totalizando 22 sujeitos. Os resultados dessas contagens são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Frequência de maiores e menores valorizações de modos de ser, ter e fazer (ações) e de pessoas das classes sociais (CS) mais altas e mais baixas para as/os 22 participantes que criaram EV1 e EV2

	EV1 (Metade Superior)		EV1 (Metade Inferior)		EV2 (Metade Superior)		EV2 (Metade Inferior)	
	CS mais alta(s)	CS mais baixa(s)	CS mais alta(s)	CS mais baixa(s)	CS mais alta(s)	CS mais baixa(s)	CS mais alta(s)	CS mais baixa(s)
PC1	8	0	0	7	0	6	9	0
PC2	3	2	3	6	2	6	8	5
PC3	4	2	0	3	4	0	0	3
PC4	3	0	1	5	2	6	5	4
PC5	8	2	2	8	0	10	10	0
PC6	3	2	2	2	3	6	2	3
PC7	5	0	0	5	0	5	5	0
PC8	1	2	4	1	1	1	5	2
PC9	0	2	5	1	0	2	5	2
PC10	2	0	2	5	0	5	4	0
PC11	3	1	1	3	7	2	4	3
PE1	3	0	0	5	1	1	2	4
PE2	0	3	3	2	0	2	4	1
PE3	1	1	2	4	0	6	6	0
PE4	0	2	2	0	0	2	3	0
PE5	3	1	3	4	2	5	10	0
PE6	3	2	5	3	4	5	8	0
PE7	3	1	1	3	2	0	1	3
PE9	6	0	1	5	2	3	4	1
PE10	1	1	1	1	0	3	3	0
PE11	4	0	0	4	2	3	3	2
PE12	5	0	1	4	6	1	0	2
TOTAL	69	24	39	81	38	80	101	35
MÉDIA POR 22 PARTIC.	3,13	1,09	1,77	3,68	1,72	3,63	4,59	1,59
Maior valorização dos modos de ser, ter e fazer das CS. MAIOR FREQUÊNCIA: AÇÕES DE CS ALTAS			Menor valorização dos modos de ser, ter e fazer das CS. MAIOR FREQUÊNCIA: AÇÕES DE CS BAIXAS		Maior valorização das pessoas das CS. MAIOR FREQUÊNCIA: PESSOAS DE CS BAIXAS		Menor valorização das pessoas das CS. MAIOR FREQUÊNCIA: PESSOAS DE CS ALTAS	

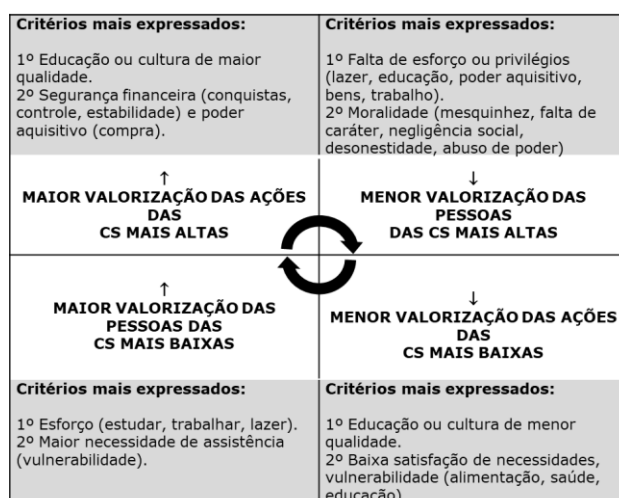
Fonte: o autor.

A fim de se compreender melhor a Tabela 1, tomemos como exemplo o sujeito PC1. Ele posicionou 08 características da classe social mais alta que criou na metade superior de sua escala de valores EV1, e 07 características da classe social mais baixa na metade inferior de EV1. Por outro lado, ao pensar sobre pessoas hipotéticas que representam as mesmas classes sociais e agem de acordo com características de suas classes, posicionou 06 pessoas da classe social mais baixa proposta na metade superior de sua escala de valores (EV2), enquanto 09 pessoas hipotéticas da classe social mais rica que agem conforme características de sua classe foram posicionadas na metade inferior de EV2.

Assim, considerando todos os sujeitos de pesquisa e as médias quantitativas de características (EV1) e pessoas (EV2) posicionadas nas metades superior e inferior das escalas, observou-se tendência predominante de maior valorização dos modos de ser, ter e fazer das classes sociais mais altas, em contraste com maior valorização das pessoas associadas às classes sociais mais baixas. De modo complementar, verificou-se menor valorização das ações atribuídas às classes sociais mais baixas, associada à menor valorização das pessoas das classes sociais mais altas, configurando um padrão de compensação entre critérios distintos de julgamento. Esse padrão pode ser ilustrado por enunciados nos quais participantes atribuem qualidades positivas a ações associadas a classes sociais mais altas, como estudo ou sucesso profissional, ao mesmo tempo em que expressam juízos mais favoráveis às pessoas de classes sociais mais baixas.

Esse padrão, evidenciado pelas frequências observadas, pode ser compreendido, à luz da Epistemologia Genética, como expressão de um processo de equilíbrio, no qual perturbações nas relações entre critérios de valoração são compensadas por reorganizações do sistema. Nesse sentido, a valorização de determinados aspectos não se sustenta de forma independente, mas se regula em função de outras valorações, de modo a manter certa coerência interna do conjunto, conforme a seguinte Figura 1.

Figura 1 - Ciclo de equilíbrio de valorações das ações e pessoas das classes sociais mais altas e mais baixas



Fonte: o autor.

A Figura 1 representa um ciclo de equilibrção compensatória em que a maior valorização dos modos de ser, ter e fazer das classes sociais mais altas se articula à menor valorização das pessoas dessas classes, enquanto a menor valorização dos modos de ser, ter e fazer das classes sociais mais baixas se articula à maior valorização das pessoas que as representam. Na Figura 1 foram apresentados critérios que ficaram em 1º e 2º lugar nas EV1 e EV2 do grupo total de participantes na etapa de pré-teste da pesquisa, enquanto categorias de características das classes sociais, agrupadas e construídas de modo indutivo a partir de sua similaridade semântica. Seguem alguns excertos de transcrições das entrevistas, a fim de se ilustrar as valorações.

Exemplo de critério para menor valorização dos modos de ser, ter e fazer das classes sociais mais baixas:

Participante PE3: [critério: educação ou cultura de menor qualidade] E aí vem a baixa escolaridade, que o trabalho desqualificado é consequência da baixa escolaridade. Não teve chance, não pode nem ter ambição, porque tem uns que tem ambição né, a gente tá cansado de conhecer história de gente que vai atrás, que tem ambição, que consegue, mas tem gente que não, é pouca gente que sai de uma classe e vai para outra consegue progredir assim.

Exemplo de critério para maior valorização dos modos de ser, ter e fazer das classes sociais mais altas:

Participante PC1: [critério: poder aquisitivo] Em 4º lugar, eu coloquei "comprar o que quer", porque se eu pudesse comprar o que eu quisesse né... aí acho que é importante também hoje em dia, você poder comprar o que quer. Aí eu priorizei dos outros. Em 5º "viver muito bem", eu acho que também tem que viver muito bem hoje em dia. [...] Então viver muito bem digo assim, você poder comprar o que quiser, viajar para onde quiser, ter as melhores escolas e universidades.

Exemplo de critério para menor valorização das pessoas das classes sociais mais altas:

Participante PC2: [critério: moralidade] as pessoas da "classe dominante" que são "manipuladoras", elas têm um valor bem baixo para mim, entendeu? Que usam a sua classe, a sua instrução e tudo, para manipular as pessoas, tem um valor negativo para mim. [...]. E as pessoas "desonestas" da "classe dominante" são a escória da sociedade para mim

Exemplo de critério para maior valorização das pessoas das classes sociais mais baixas:

Participante PE5: [critério: esforço] eu coloquei as pessoas marginalizadas, o trabalho emprego instável e de maioria negros. Eu coloquei essas pessoas porque eu acredito que essas pessoas tenham que se esforçar muito mais do que as outras para qualquer coisa na vida, então acho que elas ralam muito mais e eu acho isso, para isso é preciso de um esforço a mais e eu admiro esse esforço.

A organização evidenciada pela Figura 1 permite compreender que as valorações não se estruturam como somatório de juízos independentes, mas como sistema de relações no qual os diferentes elementos se regulam mutuamente. Nesse sistema, a atribuição de valor a um determinado aspecto implica, correlativamente, a reconfiguração dos valores atribuídos a outros aspectos, caracterizando um processo de compensação.

Tal dinâmica indica que os critérios de valoração operam segundo relações de coordenação, nas quais diferentes dimensões, ações e pessoas, não apenas coexistem, mas se articulam por meio de regulações que visam manter o equilíbrio do sistema. Nesse sentido, a maior valorização das ações das classes sociais mais altas não se prolonga automaticamente na valorização das pessoas que as compõem, sendo compensada por uma desvalorização relativa dessas pessoas, enquanto o inverso ocorre com as classes sociais mais baixas.

Essa característica sugere que as valorações atribuídas se organizam segundo uma lógica de diferenciação e compensação entre critérios, na qual a manutenção de hierarquias simbólicas não se dá por uma única dimensão de julgamento, mas por articulações entre múltiplos critérios. Assim, a superioridade atribuída a determinados modos de ação pode ser compensada por inferiorizações dirigidas às pessoas, e vice-versa.

À luz do conceito de equilíbrio (Piaget, 1973), esse funcionamento pode ser compreendido como processo de regulação de um sistema de relações, no qual perturbações, entendidas aqui como tensões entre diferentes critérios de valoração, são compensadas por reorganizações que preservam certa coerência do conjunto. Trata-se, portanto, de um equilíbrio que não elimina contradições, mas as organiza por meio de relações compensatórias.

À luz dessas considerações, o preconceito pode ser compreendido não apenas como conteúdo negativo dirigido a determinados grupos, mas como elemento que participa da regulação desse sistema, contribuindo para a manutenção de diferenças entre classes sociais por meio de critérios arbitrários de superioridade e inferioridade. Sua função, nesse contexto, não se reduz à expressão de juízos, mas se inscreve na organização das relações entre diferentes dimensões de valoração.

A análise das frequências permite ainda observar que as relações entre ações e pessoas não se configuram como dependência direta, mas como

articulação mediada por critérios distintos, o que indica relativa autonomia entre as dimensões de julgamento. No entanto, essa autonomia não implica independência, uma vez que as valorações se reorganizam de modo interdependente, evidenciando a existência de um sistema.

Essa organização é compatível com a compreensão de que os sistemas de valores sociais se constituem por regulações que integram dimensões cognitivas, afetivas, sociais e morais, não sendo redutíveis a apenas uma dessas dimensões. As valorações observadas, portanto, expressam não apenas preferências individuais, mas formas de organização das significações que se constroem nas interações sociais.

Ressalta-se que os resultados correspondem à expressão empírica de uma subcoletividade específica, não se configurando como estrutura universal, mas como forma possível de organização das valorações em determinado contexto social. Trata-se de modelo interpretativo cujo alcance se delimita às condições em que tais significações foram produzidas, não sendo generalizável em termos absolutos, mas oferecendo elementos para a compreensão de processos análogos em outros contextos.

5. Considerações finais

A análise do ciclo de equilibração entre valorações de ações e pessoas das classes sociais permitiu identificar um padrão de compensação organizado por critérios distintos e interdependentes. Tal dinâmica sugere que o preconceito pode operar como elemento regulador em sistemas de valores, compensando superioridades atribuídas por determinados critérios por meio de inferiorizações segundo outros.

Os resultados indicam que as valorações construídas não se organizam de forma linear ou estável, mas por meio de regulações compensatórias que articulam diferentes dimensões de julgamento. Nesse sentido, o preconceito de classe social pode ser compreendido não apenas como conteúdo negativo dirigido a grupos, mas como elemento que participa da organização de sistemas de valoração, nos quais diferentes critérios se coordenam na manutenção de um equilíbrio interno.

Essa compreensão permite deslocar a análise do preconceito do nível atitudinal para o nível estrutural, considerando os processos de organização das significações que o sustentam. Tal deslocamento amplia as possibilidades de intervenção, ao indicar que a transformação do preconceito não se reduz à substituição de conteúdos valorativos, mas envolve a reorganização das relações entre os critérios que estruturam tais valorações.

No campo educacional, isso implica a necessidade de práticas que promovam a tomada de consciência das relações estabelecidas entre ações e pessoas nas construções de valor, favorecendo a diferenciação entre critérios e a problematização de associações arbitrárias. O exame das implicações lógicas

de relações de exclusividade entre características e classes sociais mostra-se, nesse sentido, um caminho possível para a desestabilização de sistemas de valoração que sustentam preconceitos.

Adicionalmente, os resultados indicam a relevância das interações sociais na conservação desses sistemas, sugerindo que intervenções educativas devem contemplar não apenas o sujeito individual, mas também os contextos coletivos nos quais tais valorações se mantêm e se reproduzem.

Os resultados apresentados também indicam possibilidades para investigações futuras. Estudos que contemplem diferentes grupos etários, contextos educacionais e realidades socioculturais poderão contribuir para examinar a recorrência ou a variabilidade dos padrões de compensação aqui identificados. Além disso, a aplicação do modelo a outros objetos de preconceito poderá oferecer elementos para avaliar em que medida os processos de equilíbrio de valorações constituem mecanismo mais amplo de organização das significações sociais e morais.

A proposição do ciclo de equilíbrio compensatória deve ser compreendida como proposição teórica fundamentada em dados empíricos específicos, produzidos junto a estudantes de ensino médio técnico em determinado contexto institucional. Desse modo, seu alcance se delimita às condições em que tais significações foram produzidas, não permitindo generalizações diretas para outros grupos sociais ou contextos socioculturais. Ainda assim, o modelo oferece elementos para a análise de processos análogos em diferentes contextos sociais, contribuindo para o aprofundamento das investigações sobre a organização estrutural do preconceito.

REFERÊNCIAS

ABOUD, Frances. A social-cognitive developmental theory of prejudice. In: QUINTANA, Stephen; MCKOWN, Clark (orgs.). **Handbook of race, racism, and the developing child**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2008. p. 55-71.

ALLPORT, Gordon Willard. **The nature of prejudice**. Reading: Addison-Wesley, 1979.

DELVAL, Juan. **Introdução à prática do método clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DUCKITT, John. Historical overview. In: DOVIDIO, John F.; HEWSTONE, Miles; GLICK, Peter; ESSES, Victoria M. (orgs.). **The SAGE handbook of prejudice, stereotyping and discrimination**. London: Sage, 2010. p. 29-44.

DUCKITT, John. **The social psychology of prejudice**. Santa Barbara: Praeger, 2019.



MONTOYA, Adrián Oscar Dongo. Realidade, conhecimento físico e conhecimento social: processos e mecanismos comuns de construção. **Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, v. 5, n. 0, p. 40-64, 2013. DOI: <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2013.v5n0.p40-64>.

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIAGET, Jean. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Tradução de Cláudia Berliner. Petrópolis: Wak, 2014.

PIAGET, Jean; WEIL, Anne-Marie. The development in children of the idea of the homeland and of relations to other countries. **International Social Science Journal**, Paris, v. 3, n. 3, p. 561-578, 1951.

Responsabilidade Editorial: Célia Regina de Carvalho.
Recebido em: 09 de abril de 2026.
Aceito em: 15 de junho de 2026.
Publicado em: 31 de julho de 2026.